

Um cientista político outsider: sobre a teoria e a ciência política em Gildo Marçal Brandão¹

George Gomes Coutinho² |

Resumo

Destacamos a proposta sobre “o pensar” e “o fazer” ciência política, declaradamente *outsider*, do cientista político alagoano Gildo Marçal Brandão (1949-2010). Embora nosso autor seja mais conhecido contemporaneamente por suas últimas produções sobre o pensamento político-social brasileiro, consideramos as “*Linhagens do pensamento político brasileiro*” o coroamento das opções intelectuais e políticas adotadas por Brandão desde sua juventude. Utilizando o fio condutor possível de ser encontrado na produção deste intelectual desde o final da década de 1970, propomos um trabalho de *restauração teórica* capaz de fornecer novos elementos interpretativos sobre os trabalhos de nosso autor onde uma concepção de ciência política é articulada com uma leitura materialista da sociedade.

Palavras-chave: teoria política; ciência política; pensamento político-social brasileiro; história das ideias; Gildo Marçal Brandão

Data de submissão: 23/03/2023

Data de aprovação: 23/08/2023

¹ O presente artigo configura-se enquanto uma tentativa de síntese da Tese de Doutorado, “*UM CIENTISTA POLÍTICO NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: Ciência Política, o PCB e Pensamento Político Brasileiro em Gildo Marçal Brandão Carlos Henrique Aguiar Serra*”, defendida em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, da Universidade Federal Fluminense.

² Professor Associado I da área de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense - Pólo de Campos dos Goytacazes, RJ. Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense, bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (ICHF/DCP/PPGCP). E-mail: georgecoutinho@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-4169-6353>

An outsider political scientist: about theory and political science in Gildo Marçal Brandão

George Gomes Coutinho |

Abstract

We will emphasize in this article the proposal confessedly outsider about “the thinking” and “the practice” in political science from the Brazilian political scientist Gildo Marçal Brandão (1949-2010). Although our author is better known contemporaneously for his latest productions on Brazilian political-social thought, we consider the “Lineages of Brazilian political thought” the summit from the intellectual and political options adopted by Brandão since his youth. Using the guiding possible to be found in the production of this intellectual since the late 1970s, we propose a theoretical restoration work capable to providing new interpretative elements on the works of our author where a political science conception is coherently articulated with a materialistic interpretation of society.

Keywords: political theory; political science; brazilian political-social thought; history of ideas; Gildo Marçal Brandão

Un politólogo outsider: sobre teoría y ciencia política en Gildo Marçal Brandão

George Gomes Coutinho |

Resumen

Destacamos la propuesta sobre “pensar” y “hacer” ciencia política, abiertamente outsider, del politólogo alagoano Gildo Marçal Brandão (1949-2010). Aunque nuestro autor sea más conocido contemporáneamente por sus últimas producciones sobre el pensamiento político-social brasileño, consideramos “Linhagens do pensamento político brasileiro” la coronación de las opciones intelectuales y políticas adoptadas por Brandão desde su juventud. Utilizando el hilo conductor que se puede encontrar en la producción de este intelectual desde finales de los años 70, proponemos un trabajo de restauración teórica capaz de proporcionar nuevos elementos interpretativos sobre las obras de nuestro autor donde se articula una concepción de la ciencia política con una lectura materialista de la sociedad.

Palabras clave: teoría política; ciencia política; pensamiento político-social brasileño; historia de las ideas; Gildo Marçal Brandão

Apresentação – a controvérsia teóricos *versus* empíricos e Gildo

Com a morte prematura, aos 61, do cientista político Gildo Marçal Brandão, a boa esquerda brasileira perde um de seus melhores pensadores. Como se Tostão não tivesse jogado a Copa de 70. Uma lástima!

Juca Kfoury, jornal Folha de São Paulo, 18 de fevereiro de 2010

A ciência política brasileira celebrou em 2016 na Universidade Federal de Minas Gerais os primeiros 50 anos da fundação de seu primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*. Em virtude da efeméride reflexões mais ou menos sistemáticas sobre a história e a configuração do campo foram apresentadas, o que implicou a saudável retomada de debates metodológicos, epistemológicos e valorativos. Dentre os movimentos de autocompreensão revisitados naquela ocasião, movimentos estes que pavimentaram a construção da nossa ciência política, destacamos a discussão acerca da relevância e do lugar tanto da teoria quanto da metodologia na produção nacional, o que redundou na apresentação/sistematização de diferentes estilos e lógicas de pesquisa e também em sugestões normativas sobre a formação profissional de seus quadros.

O que ficou conhecido como o debate “empíricos *versus* teóricos” pautou parte da agenda interna de trabalho da ciência política nacional na virada do século XX para o século XXI (Amorim Neto & Santos, 2015; Lynch, 2016). As interpretações *ex post facto* deste momento reconhecem que parte dos embates apresentados pelos dois grupos foi produzida por choques causados por diferenças de estilo de pesquisa (Ibidem) e figuravam como estratégias discursivas que eram mobilizadas, em última instância, na disputa por hegemonia no campo. Contudo, não obstante a pacificação realizada nos últimos anos, o caráter extremado deste breve período pode auxiliar a elucidar justamente a permanência da pluralidade fática na produção da área atestada nos levantamentos empíricos realizados por Marengo (2014) e Oliveira & Nicolau (2014). Consideramos aqui que justamente o tom exacerbado dos discursos encontrados neste debate, por vezes acompanhado da defesa apaixonada de um determinado estilo de pesquisa em detrimento de outro, é um dos caminhos possíveis para compreendermos a estruturação contemporânea do campo e sua diversidade temática.

Gildo Marçal Brandão (1949-2010), dentre outros³, protagonizou intervenções contundentes no debate supracitado. Suas declarações públicas, que não se restringiram sequer à ciência política e abrangiam o sistema científico nacional, criticaram duramente o que avaliava como um processo de *taylorização* do trabalho intelectual transmutando o livre pensador, capaz de realizar mediações criativas entre o geral e o particular, em um tecnocrata (Brandão, 2001). De forma igualmente cítrica, ao se posicionar especificamente diante do ofício do cientista político, apresentava indisfarçável desconforto com o que julgava ser a dominância da “metodolatria” (Ibid, 1998a; Idem, 2006), além de considerar que a área de conhecimento estava a ser tomada de assalto por um “partido intelectual” (Ibidem) ou “partido acadêmico” (Ibidem, 2006) e, como se não fosse suficiente, de forma mais contundente julgava que “(...) a maioria dos meus colegas cientistas políticos são, de fato, engenheiros institucionais.” (Brandão, 1998b).

Não obstante o caráter polêmico deste conjunto de declarações, apresentaremos este artigo a proposta de configuração do campo defendida no decorrer da produção de Gildo Marçal Brandão onde a elaboração teórica ocupa posição central. Mesmo que não se encontre uma obra de fôlego na carreira de Brandão que se defronte objetivamente de forma sistemática com o problema da produção da verdade no campo disciplinar da ciência política, iremos restaurar teoricamente na

³ Lynch (2016) destaca ainda o cientista político Renato Lessa (UFF) junto a Gildo Marçal Brandão como um dos que se apresentavam do lado dos “teóricos”. Entre os “empíricos” Glaucio Ary Dillon Soares (IESP/UERJ) é lembrado por sua intervenção tão polêmica quanto paradigmática (Soares, 2005).

construção de nosso argumento o *continuum* de reflexões sobre as concepções de teoria e ciência política de nosso autor que partem especificamente do artigo *A teoria política é possível?*, de 1998, até chegarmos ao momento maturado do projeto d' *As Linhagens do Pensamento Político Brasileiro*. Defendemos que o bem sucedido programa de pesquisa d' *As Linhagens* constitui parte de um todo e dialoga, de forma coerente, com a trajetória intelectual de Brandão.

Visando cumprir estes objetivos, dividimos nosso argumento em três momentos. No primeiro deles vamos traçar, a partir dos elementos fornecidos pelo Memorial do concurso para professor titular de ciência política da Universidade de São Paulo⁴, junções entre a biografia do autor e a periferia do capitalismo. A linha condutora de nosso argumento envolve sustentar a relação entre as singularidades da biografia de Brandão e a periferia em um dado momento histórico concreto, onde o intelectual em sua formação lida com externalidades para além de sua própria agência individual. Em nossa perspectiva, estas externalidades explicam a seleção de objetos de pesquisa de Brandão: o PCB, a relação entre democracia e desenvolvimento, a periferia em si como elemento a ser inserido como parte do exercício intelectual teórico. No segundo momento, trazemos o artigo *Totalidade e determinação econômica*, de 1977, como primeira aproximação sistemática de Brandão com a proposta hegel-marxiana de Lukács, o que redundou na adesão a uma interpretação totalizante dos fenômenos sociais. Na última parte, discutimos pontos de continuidade do artigo do jovem bacharel de filosofia com o cientista político maduro a partir de 1997/1998, onde as reflexões totalizantes são retomadas tendo por foco a ciência política como área de conhecimento a ser organicamente vinculada com a própria periferia.

1. Um cientista político na periferia do capitalismo

O Estado-Nação em seus contornos estruturais, conjunturais e eventos se apresenta como uma externalidade concreta que, de forma direta ou indireta, deve ser considerada no entendimento da configuração tanto de uma biografia intelectual quanto na construção de um dado campo de conhecimento. Embora tenhamos o cuidado de evitar qualquer determinismo que encarcere a agência humana, aqui no caso o determinismo nacionalista, compreendemos que o Estado-Nação factualmente se apresenta como um *filtro* de agendas de pesquisa não desprezível e apresenta as condições concretas com as quais as áreas disciplinares⁵ e muitos intelectuais, dado que não são agentes desencarnados, lidam em sua trajetória.

Sejam os campos de conhecimento disciplinares interpretados como uma maneira particular de organizar a cognição, como sugere a abordagem construtivista proposta por Lessa (2011a; 2011b), ou como um espaço agonista por excelência (Bourdieu, 2004), é curioso que muitas análises sobre a relação entre ideias, intelectuais e sociedade desconsiderem os desafios impostos a projetos de ciência ou às carreiras individuais pelo contexto concreto e particular fornecido pela Nação⁶. Para além desta variável ignorada, ainda o Estado-Nação como cenário não deveria prescindir do contexto maior em que se insere: as relações centro e periferia. Nesta constelação histórica o agente concretamente atua nos limites apresentados, ora os superando, ora os reproduzindo.

⁴ Brandão faleceu em 15 de fevereiro de 2010 pouco antes de concluir o rito do concurso de lhe conferiria a titularidade em ciência política na USP. O memorial em questão foi publicado postumamente em coletânea organizada por Simone de Castro Tavares Coelho, viúva de Brandão, em 2010.

⁵ Marengo (2014), por exemplo, apresenta os diferentes momentos históricos de criação das associações de ciência política na Argentina, França e Estados Unidos como uma via para avaliar a estruturação tardia da ABCP no Brasil.

⁶ Gildo Marçal Brandão era sensível a esta questão, porém, não houve tempo suficiente para enfrentá-la em todas suas consequências. Em sua aula de titularidade, publicada postumamente, Brandão assinala a necessidade de se pensar a produção acadêmica e pré-acadêmica concreta, o que envolve o mercado de produção, reprodução e circulação de ideias como elemento auxiliar de um projeto maior de entendimento da relação entre ideias e sociedade. Objetivamente delinea como relações concretas a serem contempladas a "(...) mudança nas condições de produção da vida intelectual, formação de um público leitor, financiamento da atividade intelectual, estabelecimento de um mercado de ideias, sedimentação de uma tradição (...)" (Brandão, 2010a: 304).

De maneira bastante sumária, dados os limites e objetivos deste artigo, mas, estabelecendo uma definição instrumental e formal do que compreendemos ser a periferia, esta apresenta sua face interna, o que evidentemente caracteriza seu funcionamento doméstico, e a externa onde o Estado-Nação é confrontado com o contexto maior do sistema internacional onde se insere. Internamente o Estado-Nação periférico se apresenta como espaço de relações pouco poroso a práticas inclusivas econômicas e sociais, gerando super-cidadãos e sub-cidadãos no esquema teórico proposto por Marcelo Neves (1994). Externamente um Estado-Nação é periférico ao se inserir no sistema sócio-econômico internacional em posição subalternizada (Arrighi, 1997), o que envolve também considerarmos a posição marginal da produção de conhecimento destes países no sistema internacional. Ambas as perspectivas não abandonam o caráter relacional contido na proposta binomial centro/periferia originalmente elaborada pela CEPAL desde a década de 1950 (Rodríguez, 2009). Ainda, na ótica de Brandão, a periferia se apresenta como cenário de contradições bem demarcadas:

(...) implica sociabilidades que associam os dilemas da hipermodernidade com heranças coloniais, a fragmentação cultural contemporânea com a dissolução dos valores pré-modernos, o experimentalismo democrático com a ausência de direitos civis básicos, o potencial do internacionalismo, progresso e participação com a insegurança, incerteza, mesquinhez, desesperança e brutalidade da vida cotidiana (Brandão, 2007:167)

Tendo por pressuposto esta teia de mediações complexas, nosso autor, conforme nossa interpretação, é um intelectual situado na periferia do capitalismo. Os dilemas e a historicidade da periferia do sistema mundial e do contexto nacional demarcam de forma incidental a narrativa descritiva de sua própria biografia no Memorial. Em segundo ponto, a periferia se apresenta como *objeto de reflexão* privilegiado e espaço de ação, sendo o Estado-Nação, expressão concreta e particularizada da periferia, contextualizado em meio a relações que o transcendem e co-determinam, dado que “(...) não é possível pensar o Brasil sem situá-lo no mundo” (Brandão, 2001: 28). Isto exposto, enquadrando Brandão como um *cientista político na periferia do capitalismo*, estamos afirmando que tanto a trajetória individual deste intelectual é entrecortada por eventos, conjunturas e estruturas de uma nação periférica em um dado momento histórico quanto, por outro lado, a periferia *per se* é apropriada como conceito inescapável com o qual a produção intelectual deve conscientemente lidar. Iremos nos concentrar na biografia de Brandão já que a periferia como *lugar teoricamente demarcado* será abordada na próxima seção.

Gildo Marçal Brandão nasceu em 17 de fevereiro de 1949 na pequena cidade de Mata Grande, Alto Sertão alagoano, filho de família católica onde sua mãe abraçou a carreira do magistério e seu pai, antes de ser funcionário público, foi vereador em sua cidade natal. Em suas palavras, seu núcleo familiar “(...) valorizava a educação e era metido com política” (Brandão, 2010b: 33). De Mata Grande saiu para a capital do estado em busca de melhores cuidados médicos dada a sua cardiopatia precocemente diagnosticada e congênita. Em paralelo havia também a demanda de sua mãe que desejava uma melhor formação para que seus filhos não se tornassem “(...) analfabetos, cachaceiros e assassinos” (Idem: 33). Deste período inicial, Brandão ressalta em seu Memorial a influência do catolicismo politizado e radical como uma via de acesso na sua juventude ao conjunto de problemas da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, possibilitou o contato com os primeiros autores, clássicos e contemporâneos, que apresentavam uma interpretação filosófica e/ou “sociológica” de mundo. Neste momento nosso autor se considerava um católico tomista, racionalista e de esquerda⁷.

Sua entrada na Universidade foi na graduação em filosofia na UFPE, no período compreendido entre os anos de 1968 e 1971. Após o término da graduação foi necessária uma segunda imigração em virtude de sua condição de

⁷ Assim Brandão qualifica o momento e sua relação com o catolicismo: “(...) um cristianismo particularmente avesso a efusões sentimentais e marcado não apenas pela militância política, cada vez mais de esquerda, como pelo racionalismo que a tradição tomista inoculava.” (Brandão, 2010b: 34).

militante político⁸: a vinda para São Paulo objetivou, em um primeiro momento, evitar as agruras da perseguição política da ditadura civil-militar (Dreifuss, 1981) em sua região natal e, também, tendo por meta a continuidade dos estudos em filosofia⁹. Estes estudos jamais foram concluídos na área justamente por ter se visto constrangido a um tratamento de saúde no Hospital das Clínicas de São Paulo por dois anos. Este período de tratamento impediu a conclusão do mestrado acadêmico¹⁰.

Após esta fase, Brandão só retomaria a vida na Universidade em dedicação exclusiva no final da década de 1980¹¹. Antes deste momento ocorrer nosso autor atuou ostensivamente como cronista, articulista e editor de jornais de circulação nacional ou estadual trabalhando nas seguintes publicações: *Folha de São Paulo*, *Diário do Grande ABC*, *Gazeta Mercantil* e o *Diário da Manhã* de Goiás. Ainda foi o primeiro editor d' *A Voz da Unidade*, jornal do Partido Comunista Brasileiro (doravante PCB), e colaborou na redação de revistas como a *Isto É* atuando como *freelancer*. Também foi co-criador e co-editor, junto a Marco Aurélio Nogueira, das revistas *Escrita Ensaio* e *Temas de Ciências Humanas*, ambas voltadas para o debate cultural e acadêmico no final da década de 1970 e início da década de 1980. Em busca da sobrevivência material ocupou também o cargo de diretor do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo¹² durante o governo Franco Montoro. Cabe destacar que ao assumir sua condição de comunista publicamente, Brandão foi demitido da Folha de São Paulo¹³.

Como vimos, mesmo que de maneira sucinta, a vida profissional de Brandão foi movimentada politicamente e profissionalmente e materializou uma intuição sugerida em Lessa (2011b): a conexão entre as primeiras gerações de cientistas políticos profissionais e a militância política¹⁴. Cabe notar ainda que a própria inserção de Brandão na ciência política enquanto profissional se deu de forma relativamente acidental mas, antes de tudo, enquanto uma opção pragmática:

(...) precisava recuperar terreno, alcançar colegas de geração cuja carreira acadêmica não sofrera solução de continuidade, criar condições materiais para a dedicação exclusiva à pesquisa e à docência (a saída da Eletropaulo para a universidade representou uma perda substancial de renda, embora o acumulado tivesse permitido financiar dois anos de redação da tese), obter o doutorado no tempo mais curto possível. (Brandão, 2010a: 58-59 – os parênteses são do autor)

Mesmo que tenha reassumido a vida universitária após uma movimentada trajetória profissional em outras frentes, Brandão manteve uma produção intelectual instigante. Os temas abordados, tanto na produção acadêmica como não acadêmica, são de origem diversa. Nos trabalhos estritamente acadêmicos apresentam-se reflexões sobre a teoria política

8 Brandão militou em diversas correntes da esquerda brasileira: a JEC (Juventude Estudantil Católica) na adolescência, o POLOP (Organização Revolucionária Marxista – Política Operária) entre 1969 e 1970 e o PCB, Partido Comunista Brasileiro, em parte de sua juventude e vida adulta (Brandão, 2010b).

9 “Aportara em São Paulo como um retirante em mais de um sentido: cumprindo a sina de rebelde de classe média que recusa assumir a representação da classe dominante que lhe estava reservado como filho-família, fugindo da seca acadêmica e da polícia política que tornaram as atmosferas do Recife e de Maceió irrespiráveis.” (Brandão, 2010b: 46).

10 Brandão foi aprovado na pós-graduação em Filosofia da USP sob orientação de Paulo Arantes no ano de 1973 (Ibid: 45) Como ele mesmo avalia: “Graves problemas de saúde, que me imobilizaram durante os anos de 1974 e 1975 no Hospital das Clínicas, impediram a conclusão desse projeto.” (Brandão, 2010b: 51). Portanto, e agora aqui em diálogo com o importante artigo publicado por Lynch e Chaloub em 2021 justamente sobre Brandão, é importante destacar uma imprecisão biográfica. Lynch e Chaloub mencionam na página 281 de seu texto uma defesa de dissertação de mestrado que teria ocorrido antes da aprovação de Gildo Marçal no doutorado em ciência política na USP. No entanto, jamais houve defesa e tampouco conclusão da dissertação. O artigo de 1977 publicado por Brandão na *Temas de Ciências Humanas*, que será objeto de nossa atenção mais adiante, foi a solução para a não devolução das bolsas de mestrado recebidas. Brandão, como o próprio mesmo reconheceu, jamais concluiu de fato o mestrado.

11 Brandão ingressa na USP como docente em regime de dedicação exclusiva em 1989. Antes da USP foi professor horista de filosofia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo ainda na década de 1970 e entre 1987 e 1988, professor de política no Departamento de Ciência Política da PUC-SP (Brandão, 2010b).

12 A Eletropaulo foi empresa estatal fundada no ano de 1981 responsável pela distribuição de energia elétrica no estado de São Paulo. A empresa foi privatizada em 1999.

13 Ver entrevista concedida por nosso autor ao jornalista Ricardo Carvalho disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EF1qw8GpgRM&feature=share>, acesso em 17 de set. 2016. Nesta entrevista Brandão firma que ele teria sido o “primeiro civil”, ou seja, alguém que não participava do círculo interno do comitê central do partido, a se apresentar publicamente como comunista.

14 “Parte não desprezível dessa pluralidade (do campo da Ciência Política brasileira) pode ser debitada ao envolvimento de parte significativa dos praticantes do campo com questões de natureza política, na qualidade de cidadãos e militantes.” (Lessa, 2011b: 46, os parênteses são nossos).

e a ciência na periferia do capitalismo, diálogos com a filosofia política ou a teoria social em sentido amplo, análises sobre a relação de um ator em particular, o Partido Comunista Brasileiro, com o sistema político e sua sociedade e, por fim, uma profícua produção atrelada a uma contribuição original sobre como interpretar o pensamento político e social brasileiro em textos analíticos/programáticos notadamente dotados de caráter metodológico ou propriamente teóricos. Igualmente na sua produção “não acadêmica” o *menu* ofertado é diverso. Além de contemplar os eixos apresentados (teoria social e política em sentido amplo, a relação do PCB com a política brasileira e os intelectuais e o pensamento político e social brasileiro), aparecem intervenções sobre temas candentes da conjuntura, onde se apresenta a vocação de Brandão como intelectual público, não restrito ao diálogo intra-acadêmico.

Brandão, conforme demonstramos, como intelectual, foi “co-formado” por particularidades de nossa periferia. Sua condição de imigrante nordestino¹⁵, tanto no próprio estado natal quanto em sua região (a imigração de Alagoas para Pernambuco), a terceira imigração para São Paulo para o prosseguimento de sua formação, a modificação de sua trajetória com a ruptura autoritária de 1964, a eleição de temas de pesquisa que guardam afinidade com a nossa história e formação política, o que inclui sua tese sobre o PCB e a permanência deste partido na ilegalidade por quase toda sua história¹⁶, demonstram, *ex post facto* e sartreanamente que a existência precede a essência (Sartre, 1987). Nestes termos, pela vinculação da identidade intelectual de nosso autor com seu lugar e com seu tempo, a biografia tanto nos permite compreendermos o *background* onde se processa sua formação quanto funciona como elemento auxiliar para contextualizar sua obra. De posse destes elementos, nas próximas seções, vamos nos dedicar especificamente à sua produção teórica, onde os elementos biográficos serão pinçados quando necessário para contextualizar as propostas de teoria e ciência política elaboradas por Brandão.

2. Brandão e a opção pela totalidade

Jürgen Habermas (1990) formulou as possíveis posturas analíticas que denominou de *restauração*, *renascimento* e *reconstrução* diante da tarefa de interpretar de forma criativa nada menos que a larga tradição de pensamento do materialismo histórico. Estas posturas analíticas sugerem, antes de simplesmente classificar o trabalho intelectual na análise de produções teóricas, três diferentes maneiras do pesquisador se relacionar com uma dada teoria social. Embora, conforme já dito, a proposta de Habermas tenha se centrado no marxismo, a mesma pode ser útil diante de outras tradições e será importante no desenvolvimento dos argumentos que seguirão:

Restauração significaria o retorno a um ponto de partida que, nesse meio tempo, ter-se-ia corroido: mas meu interesse por Marx e Engels não é dogmático e nem mesmo histórico-filológico. Renascimento significaria a renovação de uma tradição que, nesse meio tempo, teria estado sepultada: o marxismo não precisa disso. Reconstrução significa, em nosso contexto, que uma teoria é desmontada e recomposta de um modo novo, a fim de melhor atingir a meta que ela própria se fixou: esse é um modo normal (quero dizer, normal também para os marxistas) de se comportar diante de uma teoria que, sob diversos aspectos, carece de revisão, mas cujo potencial de estímulo não chegou ainda a se esgotar. (Habermas, Ibid: 11 - parênteses do autor)

Dentre os três caminhos acima descritos, a *restauração*, o *renascimento* e a *reconstrução*, mobilizaremos o que julgamos mais adequado para este trabalho. Nos propomos aqui a operar a via da *restauração* dado o trabalho histórico de reconstituição do

¹⁵ Simone de Castro Tavares Coelho, companheira de nosso autor por trinta anos, observa que Brandão “Cultuava e preservava as suas raízes nordestinas e nunca se furtava a convites para participar de seminários e eventos no Nordeste (...). Ainda lhe restava algum sotaque nordestino e, às vezes, soltava um ‘puder’, em vez de ‘poder’, e ‘mandioca’ sempre foi para ele ‘macaxeira’, e isso era objeto de gozação familiar.” (Coelho, 2010: 314).

¹⁶ Brandão (1997) observa que entre 1922 e 1985, o que soma portanto o total de 63 anos, o PCB só foi um partido legal, apto a participar da disputa no mercado eleitoral, por três anos e meio.

percurso de uma teoria como via para interpretá-la. Ou seja, adaptando a proposição habermasiana, nosso interesse aqui neste artigo não é dogmático ou filológico sendo, em verdade, histórico e teórico. A questão teórica aqui é tanto explicitar um determinado estilo de pesquisa da ciência política nacional quanto reconstituir, restaurar mesmo o caminho adotado para a proposição de um dado *corpus* teórico. No âmbito da *restauração teórica*, iremos investigar o desenvolvimento teórico da produção de Gildo Marçal Brandão a partir de seu *Totalidade e Determinação Econômica*, publicado em 1977, onde se detectam suas primeiras opções de análise da sociedade que irão prosseguir em um *continuum* até sua produção final¹⁷. Também nesta produção, Brandão apresentará três características que irão perpassar toda sua obra: a opção pelo materialismo histórico como tradição intelectual a ser abraçada, a persistência da História como ingrediente de análise inescapável no esforço de compreensão do fenômeno político e uma perspectiva obrigatoriamente totalizante dos fenômenos (Brandão, 1977).

Ainda, neste esforço de *restauração*, se impõe a retomada de parte da ambiência intelectual vivida entre parcela da esquerda comunista da década de 1970. Brandão declarava-se “*inoculado para sempre do vírus hegeliano*” (Ibid, 2010b: 36), o que se traduz, em acordo com a tendência do período, tanto na leitura e análise da obra de Georg W. Hegel¹⁸ quanto, também, da recepção da obra de Georg Lukács que manteve grande influência na época entre parte da juventude vinculada ao Partido Comunista Brasileiro¹⁹.

Brandão, em “*Totalidade e determinação econômica*”, texto originalmente publicado na revista *Temas de Ciências Humanas* no ano de 1977, se insere na seara da *causa sui*, ou, do fundamento último da realidade social. Cabe notar que naquele momento no Brasil as teses de Louis Althusser se apresentavam com frescor de novidade e pautavam uma questão especialmente incômoda entre os analistas marxistas: a determinação ou não da esfera econômica (ou das relações materiais) sobre as relações sociais. Recapitulando a leitura de *Aparelhos ideológicos de Estado* dos anos 1970, Althusser apresenta a esfera superestrutural da sociedade dotada de relativa primazia sobre a infraestrutura, onde a reprodução das relações sociais necessita de uma profunda opacidade para ser efetivada, daí o efeito ideológico capilarizado em seu sentido original: a premissa da falsa consciência estrangulando a reflexividade dos agentes no modo produção capitalista, onde os *aparelhos*, instâncias de produção simbólica voltadas para este fim, detém protagonismo na interpretação althusseriana do fenômeno político e do próprio Estado. Deste modo, a esfera política, na proposição do autor francês, seria a esfera *omniabarcadora* das relações sociais dado seu caráter transversal.

Brandão (1977), inspirado por e citando literalmente tanto Hegel quanto a sua interpretação lukacsiana em *História e Consciência de Classe*²⁰, sustenta em seu artigo o *primado da necessidade* em todo trabalho interpretativo sobre as relações sociais, inclusive sobre o Brasil dado que a polêmica althusseriana da época em solo nacional visava arejar frentes analíticas que permitissem o entendimento dos nossos dilemas sob novos ângulos. Não abandonando a “ótica da totalidade”, mesmo que a análise seja pautada com lente de aumento sobre uma das esferas da sociedade, especialmente a esfera política aqui neste artigo do final da década de 1970, Brandão defende, na construção da análise sobre a sociedade, uma

¹⁷ Elide Rugai Bastos (2010), em uma das homenagens póstumas à vida e obra de Gildo Marçal Brandão, igualmente detecta esta continuidade entre o artigo de 1977 e os trabalhos posteriores de nosso autor.

¹⁸ Brandão posteriormente foi o responsável pelo capítulo “Hegel” no sucesso editorial capitaneado por Francisco Weffort, “Clássicos da Política”, lançado pela editora paulistana Ática no início da década de 1990.

¹⁹ Georg Lukács, intelectual húngaro marxista, obteve uma recepção singular no Brasil. Utilizado como uma leitura de “apoio” nos seminários d’O Capital no ano de 1958 (Schwarz, 2006), especialmente com a obra clássica *História e Consciência de Classe*, trabalho mergulhado em uma *epistémé* hegel-marxista. Lukács foi traduzido no Brasil por sua filosofia da literatura ainda na década de 1960, angariando a simpatia de marxistas como Carlos Nelson Coutinho, José Chasin, Leandro Konder e José Paulo Netto. Dentre estes, o próprio Gildo Marçal Brandão cita a influência de Lukács, tanto em sua obra individual quanto na menção dos livros que conheceu em seu memorial publicado em 2010. Maiores detalhes sobre a recepção de Lukács no Brasil podem ser consultados em Nieri, 2007 e Barbosa, 2011.

²⁰ O texto de Lukács foi publicado originariamente em 1923. Outros textos do filósofo húngaro são citados por Brandão neste artigo de 1977 onde se faz presente a *Estética I* e a longa entrevista do autor húngaro publicada em livro no Brasil no final dos anos 1960 intitulada *Conversando com Lukács*. Todavia, é *História e consciência de classe* que fornece o núcleo dos argumentos de nosso autor.

dialética fina entre todo e partes. Esta dialética desautoriza uma perspectiva fragmentária de pesquisa e a desvinculação de agentes e instituições do *moto contínuo* de uma dada constelação histórica. Este traço, o do olhar totalizante mesmo sobre fenômenos particulares, é percebido também por Sallum Jr (2010: 19) como estruturante.

Retomando nosso argumento, este artigo de 1977 do Brandão filósofo, construído aos 28 anos de idade pelo autor em resposta a uma dada conjuntura da produção intelectual da esquerda brasileiras e seus dilemas, nos permite identificarmos, para além do traço supracitado da perspectiva totalizante, outros elementos importantes que serão revisitados na produção vindoura do acadêmico maduro dedicado à ciência política. Um dos primeiros, nesta demarcação da leitura totalizante, é o da dificuldade até mesmo das ciências sociais, em seu sentido lato, conseguirem elaborar qualquer interpretação convincente sobre as relações de causalidade na realidade brasileira sem considerar a relação todo/partes. A constelação histórica só pode ser apreendida se considerarmos tanto as suas *relações necessárias*, portanto, as inelutáveis, quanto a articulação entre suas “estruturas”, “níveis” ou “instâncias”. A seleção arbitrária que autonomiza artificialmente uma dada esfera (Brandão, 1977: 155) deriva no risco da superficialidade do juízo empírico. Porém, seguindo a lógica hegeliana, Brandão assevera que é justamente nas partes que o *todo* torna-se passível de ser compreendido, onde “*a atividade de separar é o trabalho de entendimento*” (Brandão, Ibid: 159), sendo um caminho para viabilizar o trabalho *racional* de construção de sentido e das teias de significação da sociedade.

Neste escopo, Brandão defende a explicitação da abordagem teórica/epistemológica enquanto uma necessidade formal que permita a articulação da prática analítica. Aqui, a demarcação propriamente teórica do agente que produz a narrativa onde se apresentam relações de causalidade, aparece como momento privilegiado da realização do trabalho intelectual destituído de qualquer pretensão naturalista. Ainda estabelece na produção analítica a conexão entre *conteúdo e forma*, ou seja, torna-se patente a premissa da honestidade intelectual que não recusa a dizer o “em si”, ou “o que é” a realidade, nem tampouco as considerações valorativas e normativas inerentes a toda teoria social que se apresente enquanto tal (Brandão, Ibidem). Portanto, a construção analítica que não reconhece o caráter *ontológico* pertinente à interpretação racional do mundo social, não compreende sequer a aplicação das estratégias *metodológicas* que subjazem a rotina de pesquisa. Esta questão, a da lacuna formal, que produz a ocultação das opções epistemológicas do trabalho de análise da realidade, será duramente atacada por Brandão em análises posteriores sobre a ciência política em particular e também nas ciências sociais em geral.

Esclarecendo o uso do termo *lacuna formal*: sendo o mundo *em-si* desprovido de sentido, o intelectual para realizar o momento *para-si* de construção de significação deste mesmo mundo, só pode fazê-lo articulando as conjecturas ontológicas que, em um segundo momento e diante de um dado objeto, permitem as opções metodológicas pertinentes. Nestes termos, Brandão sustenta, toda posição teórica e metodológica é *necessariamente e em última instância*, um posicionamento dotado de caráter político, o que retira o caráter estritamente formalista do debate epistemológico (Brandão, Ibidem: 154).

Compreendemos este primeiro artigo de Brandão como um recurso interpretativo fundamental que auxilia a demarcarmos a interpretação epistemológica e teórica de toda sua obra. Mesmo seus estudos sobre Hegel (Brandão, 2002) ou Maquiavel (2010c) serão fortemente demarcados por esta totalização *materialista e histórica*. Em outro eixo de sua produção, centrado no esforço de compreender o papel estruturante do PCB na política e na sociedade, igualmente esta perspectiva, onde se opera intelectualmente a junção dialética entre todo/partes, se fará presente (Brandão, 1997a). Inclusive aqui a perspectiva totalizante na análise de um fenômeno tipicamente político, a interpretação da trajetória

de um partido político moderno, não se contenta com o “isolamento institucional”. Partido e sociedade são elementos intercambiáveis de análise onde um torna-se obrigatoriamente o fator explicativo para o outro. Por esta razão Brandão declara que em um ambiente hostil, inclusive pela própria configuração do sistema eleitoral da época, a “ilegalidade mata” (Brandão, 1997a). É o PCB como cadáver insepulto em termos eleitorais que explica o trabalho dos intelectuais do partido, certamente a um só tempo influente e acanhado, nas franjas da sociedade. De todo modo, a revelação de uma atuação política relevante *na margem das instituições* nos permite compreender a resistência de Brandão em elaborar análises do fenômeno político restritas às “meras formas institucionais”.

3. A totalidade, a teoria e a ciência política

Os posicionamentos teóricos que resumimos na seção anterior acerca do artigo de 1977 de Brandão foram retomados sob nova roupagem em 24 de outubro de 1997 em mesa redonda capitaneada por Renato Lessa nomeada *Por que vir da filosofia política*²¹ no encontro da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) daquele ano. A intervenção de Brandão intitulada *A teoria política é possível?* foi publicada posteriormente na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* no ano seguinte²².

Entre os textos de 1977 e 1998 há o intervalo de 21 anos. Neste hiato ocorre o doutoramento em ciência política de nosso autor entre 1987 e 1992 na USP orientado por Francisco Weffort, o que já torna Brandão formalmente identificado como cientista político e não mais como o jovem bacharel em filosofia. Nesta passagem do jovem filósofo para o cientista político é possível identificar o direcionamento de suas reflexões para a política enquanto área de conhecimento. Portanto, não obstante a profissionalização como cientista político, há continuidades detectadas entre as duas reflexões e as posteriores, onde o movimento reflexivo adquire novos elementos. Iremos tomar como ponto da partida as proximidades e adiante apontaremos as “novidades” que não devem ser tratadas como rupturas. Em verdade, dentre os novos elementos que são apresentados nos trabalhos a partir de 1998, estes mais agregam do que negam o artigo *Totalidade e Determinação Econômica*, trazendo por vezes teorias, tradições e autores mais afinados com a especialização de Brandão na ciência política.

Na intervenção na mesa redonda em 1997 plasmada em artigo em 1998, o *leitmotiv* é a indisposição de Brandão com o que considerava ser a configuração da ciência política praticada no Brasil contemporâneo. Revisitando o debate *empíricos versus teóricos* (Amorin Neto & Santos: 2015; Lynch: 2016), a inspiração norte-americana de como “fazer” e “pensar” a ciência política pós revolução behaviorista, onde há continuidades com a adesão ao aparato teórico, conceitual e metodológico da *rational choice* e do neoinstitucionalismo (Lessa, 2011a;2011b), se redonda em uma área de conhecimento ainda mais robusta em seu movimento de autonomização, por outro lado, traria uma fragilidade fundamental: uma ciência política ensimesmada, pouco porosa ao diálogo com as outras co-irmãs da grande área de humanidades. Decerto esta fragilidade foi enfrentada pelo próprio neoinstitucionalismo em suas sínteses dialógicas com outros campos de conhecimento²³, porém a crítica de Brandão, e neste ponto encontram-se o jovem filósofo e o cientista político maduro, se dá por uma demarcação epistemológica e ontológica.

21 Desta mesa participaram Renato Janine Ribeiro, Luiz Eduardo Soares e, evidentemente, Brandão e Lessa.

22 As quatro intervenções foram publicadas no ano seguinte na edição de fevereiro da *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 36, vol. 13.

23 Diante das fragilidades empíricas do neoinstitucionalismo de *escolha racional*, corrente esta fortemente inspirada na economia, há as outras tradições sumarizadas por Hall e Taylor (2003): o neoinstitucionalismo histórico e o neoinstitucionalismo sociológico.

Reeditando parte dos argumentos de 1977 em 1998, a crítica de nosso autor à parte da ciência política brasileira decorre da insistência desta de tornar o real “ontologicamente divisível”, tal como na aposta dos estudos das instituições *per se* com estas mantendo eventualmente relações meramente formais com outras variáveis explicativas. Em outros termos, sendo a sociedade uma totalidade historicamente concreta, inclusive o universal passível de ser encontrado em suas partes, o isolamento artificial a um só tempo analítico e ontológico das instituições políticas como objeto é um erro de apreensão do sujeito ante o objeto. Este argumento guarda profundas afinidades com a crítica de Lukács (2003) à especialização dos conhecimentos disciplinares.

As instituições políticas para Brandão são, portanto, expressões da totalidade da sociedade, ou particularidades do movimento histórico e universal, onde variáveis empíricas externas a essas, o que inclui a forma como as mesmas foram imaginadas, podem e devem ser mobilizadas como parte do movimento analítico. Neste sentido, o que identificou como “metodolatria” (Brandão, 1998), é apenas uma expressão da fragilidade formal das concepções mais ajustadas à postura norte-americana de se compreender o fenômeno político pós-1950. Esta *ortodoxia* tanto naturaliza a opção que efetua o recorte pelo estudo das instituições *per se*, o que implicaria desconhecimento epistemológico, quanto inviabiliza as relações analíticas do movimento universal-particular-universal. Portanto, o discurso de cientificidade com ênfase sobre o método seria apenas uma cortina de fumaça que obscurece fragilidades formais mais graves.

Prosseguindo na articulação do conceito de totalidade para o debate da ciência política como campo de conhecimento disciplinar, em 1998 detectamos a transmutação do conhecido conceito hegel-marxiano de *mediação* em *linkages*. As mediações são, dentre outras aplicações na tradição do materialismo histórico, elaborações do sujeito do conhecimento onde são estabelecidas as relações entre mediato/imediato (Bottomore, 2012) em uma dada constelação histórica. Aqui a totalidade é reconstruída cognitivamente e Brandão (Idem:2006) se vale do conceito de *linkages* na busca por compreender como “ações, instituições, ideias e processos se determinam reciprocamente”. O caminho das *linkages* proposto por Brandão é a via pela qual ele recusa a armadilha do que Lessa (2011a; 2011b) diagnosticou como *impostação ontológica* centrada no agente político do neoinstitucionalismo de escolha racional, sendo o agente ontologicamente o *homo choicer* minimizador de custos e maximizador de benefícios. Este axioma opera uma redução sociológica forçosa por ignorar outros mecanismos²⁴ deflagradores da ação para além do auto-interesse egoisticamente motivado.

Num tom ainda mais contundente dando prosseguimento em outro momento a esta perspectiva totalizante defendida por nosso autor: “a dificuldade analítica verdadeira consiste não no isolamento, mas na reconstrução dos elos essenciais da cadeia e do modo como interagem ou se pode atuar sobre eles” (Brandão, 2006: 215). Nesta proposição, a ciência política como abordagem de médio alcance perderia em riqueza analítica, substituindo a apreensão das mediações, ou das *linkages* conforme o artigo de 1998, em prol de uma concepção de ciência tecnificada, desprovida de historicidade e indiferente às estruturas onde a teoria é utilizada de forma pontual e/ou ornamental. Desta crítica Brandão (1998; 2003; 2006) reforça a necessidade de dialogar com outros campos de conhecimento na busca por constituir uma compreensão mais robusta sobre o fenômeno do poder, capaz de conferir inteligibilidade até mesmo aos processos de mudança social, algo que uma perspectiva solipsista de análise política não forneceria (Brandão, 2003: 377). Como aponta em um de seus últimos textos da série em que discute a teoria e a ciência política na periferia:

Ora, assumir tais hipóteses e um programa de pesquisa desse tipo implica reconhecer que as instituições contam, os estados nacionais pesam, as especificidades culturais não são irrelevantes, as trajetórias históricas e políticas fazem diferença (...). (Brandão, 2007: 16).

²⁴ Os mecanismos deflagradores da ação são pormenorizados por Elster, 1994. Dentre estes mecanismos, o auto-interesse egoisticamente motivado é relevante, porém, não é o único. Elster ainda cita a ação “racional e não egoísta e irracional” (Ibidem: 22), além de obviamente considerar as emoções como relevantes na análise causal da ação.

A crítica da ciência política que abandona a reflexão teórica, em um primeiro momento, exige o retorno do diálogo com a filosofia (Brandão, 1998), especialmente com a filosofia política. A maior aproximação com a filosofia, que não deveria ser interpretada como saber pré-científico, apresentaria a possibilidade de enfrentamento do “analfabetismo ilustrado” (Brandão, 2006: 411) presente na hipostasia acrítica do método. Mas, Brandão sugere ir além. Sendo a política efetivamente um momento privilegiado da coletividade onde são buscadas soluções para as questões societárias em dado momento histórico, a abordagem sobre o fenômeno não deveria ser “autárquica”. A autonomia do campo disciplinar ganha musculatura quando a compreensão do objeto, no caso o poder, permite uma *abordagem* interdisciplinar (Brandão, *Ibid*) e este é o modo pelo qual a reflexão teórica deve se inserir²⁵. Portanto, o projeto da teoria política como subárea da ciência política, dotada de relativa autonomia para determinar seus rumos e apresentando análises que corroborem com o fortalecimento do campo de conhecimento como um todo, necessita do movimento de ruptura com o que Forjaz (1997) denominou de “autonomia do político”, onde a política é isolada de outros contextos cognitivos de análise.

Esta re-habilitação da produção teórica se desenvolve com outras consequências na ótica de nosso autor. A periferia, lugar do sistema mundial em que nos situamos, é articulada na proposição de Brandão com a urgência da produção teórica de qualidade e na maneira como as teorias dos países centrais podem ser recepcionadas entre nós. Para Brandão, a periferia é um espaço particular de contradições dentro do sistema mundial. Justamente rememorando o processo de estabelecimento das humanidades entre nós, mesmo as teorias clássicas poderiam aqui adquirir interpretações criativas e inovadoras²⁶, de onde é possível derivar, na imaginação teórica de nosso autor, reverberações geopolíticas. Nestes termos a relação entre teoria política e filosofia política jamais seria inútil e/ou estéril. A noção de soberania intelectual, visando a inserção autônoma da periferia no processo de globalização vigente (Brandão, 1998; 2003; 2006), representa um posicionamento político-estratégico para elaboração teórica e deve ser buscada conscientemente. A periferia, portanto, é espaço de contradições particulares do sistema e por esta razão *imane*nte guarda o potencial de inovação do pensamento, onde o intelectual periférico abandonaria a condição de *consumidor*, uma posição subalterna, para a posição de *produtor de teorias* capazes de responder aos desafios históricos apresentados.

Nesta toada, a proposta d’as *Linhagens do Pensamento Político Brasileiro* deve ser inserida. O projeto d’as *Linhagens*, que foi primeiramente tese de livre-docência na USP em 2004, posteriormente artigo na revista *Dados* em 2005 e no ano de 2007 ganha formato em livro é a proposta de um intelectual, situado na periferia, que compreende as narrativas normativas e os caminhos interpretativos de autocompreensão de um Estado-Nacional periférico sob a ótica da *longa duração*. A inspiração aqui guarda débito com a sociologia crítica da literatura de Antonio Cândido (2000), onde o esforço analítico parte do princípio da singularidade da formação da sociedade e de suas formas “*espirituais*” e, para além disso, é uma demanda inescapável dado que “(...) *ninguém pensará por nós* (...)” (Brandão, 2001) em virtude da “*intratabilidade de nossa experiência*” (*Ibid*) por modelagens teóricas forâneas simplesmente decalcadas em nossa realidade. O projeto d’as *Linhagens* redundou concretamente em um grupo de pesquisa, sediado no CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), contando com a participação de diversos pesquisadores brasileiros de instituições diferentes²⁷.

25 “De qualquer maneira, quem nas ciências humanas fala em teoria está condenado a enfrentar os problemas da relação entre a ciência e a filosofia, de um lado, e da relação entre teoria e pesquisa empírica e historiográfica, de outro, posto que ambas constituem o campo nevrálgico da discussão.” (Brandão, 2006: 410).

26 “(...) indagado por uma cultura distante de la propia, y que lo evoca a fin de establecer cimientos intelectuales propios, cada autor clásico en cierto modo nace otra vez, pudiendo incluso experimentar desarrollos ignorados en su contexto de origen” (Brandão, 2003).

27 O projeto temático “Linhagens do pensamento político-social brasileiro” contou com docentes e discentes da Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de São Paulo.

Brandão compreendia que este projeto seria o mais adequado ante o enfrentamento das questões estruturais que desafiam tanto a democracia quanto o desenvolvimento, o que inclui pensar as resistências e estímulos à mudança social, elementos estes que devem ser conjugados por serem complementares diante das singularidades da realidade semi-periférica. A história do pensamento político, sendo o próprio pensamento político uma das *linkages* para compreender a ação política concreta e as instituições nacionais, é apresentada como recurso interpretativo para o caso particular brasileiro, o que não implica que o mesmo caminho teórico/metodológico não poderia ser utilizado para outras realidades nacionais periféricas. A América Latina como um todo especialmente sendo um *global trader* (Brandão, 2003) poderia igualmente mobilizar este recurso heurístico como forma de obter vantagens comparativas provenientes do exercício de autocompreensão. Não por acaso, Brandão defendia (Ibid; 2006) a cooperação transnacional entre universidades desta região do mundo como caminho para compartilhamento de conhecimentos que tornasse possível identificar similitudes e diferenças de processos de formação²⁸ onde, assim podemos depreender, o projeto das *Linhagens* pode ser interpretado como um estudo de caso e parte de um projeto inconcluso ainda mais ambicioso.

4. Considerações finais

Georg Lukács teve sua última longa entrevista batizada de *Pensamento Vivido*²⁹, onde faz um balanço de sua produção e rememora uma série de fatos de sua trajetória, fatos estes que encontram-se com diversos episódios decisivos do socialismo real e da própria história do Leste Europeu no século XX. Consideramos *pensamento vivido* uma sentença igualmente apropriada para sintetizar a vida profissional e a produção intelectual de Gildo Marçal Brandão. Em termos de percurso biográfico, sendo originário da periferia da periferia, no caso um intelectual de origem nordestina, imigrando para São Paulo constrangido pelo período do golpe civil-militar de 1964 e pela necessidade de prosseguimento de sua formação em um sistema universitário naquele momento ainda mais centralizado em termos de quadros e oportunidades de formação de pesquisa na região sudeste. Posteriormente há seu engajamento, a despeito de sua formação de bacharel de filosofia, no jornalismo profissional e enfrenta as consequências causadas pela sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro. Ainda a inserção “tardia” e não planejada na ciência política dado que sua formação tropeçou em “soluções de continuidade”, apresenta Brandão como organicamente um intelectual da periferia do capitalismo lidando concretamente com os dilemas e potencialidades desta região do mundo.

Por este conjunto de elementos, Brandão poderia ser classificado como partícipe de uma das linhagens do pensamento político que o próprio elaborou para o caso brasileiro: enquanto quadro identificado com o radicalismo de classe média, de forma inquestionável nosso autor é um *materialista histórico*. Conforme sintetiza em sua aula de titularidade publicada postumamente, os materialistas históricos encarnam a “vitória do realismo”, do preexistente sobre as ideias, encaminhando por vezes, em ações e proposições, um “reformismo revolucionário” (Brandão, 2010a: 311). Contudo, a vinculação de nosso autor como intelectual na periferia não é dada somente pela sua biografia.

Brandão, como argumentamos, reinterpreta o arcabouço do jovem Lukács, em transição do neokantismo para o marxismo na obra *História e Consciência de Classe*, conferindo ênfase ao conceito de totalidade como princípio de apreensão

²⁸ “Todos sabemos que como proyecto colectivo todavía estamos gateando, pero no por eso debemos hacer opción preferencial por la pobreza teórica. Al contrario, aquí como en cualquier otro lugar, es posible convertir el atraso en ventaja, la periferia en centro, siempre y cuando seamos capaces de enfrentarnos con los demonios de nuestro tiempo.” (Brandão, 2003: 381).

²⁹ Publicada no Brasil em 1999 pela editora da Universidade Federal de Viçosa.

dos fenômenos societários. Esta perspectiva, que se inicia formalmente com o texto *Totalidade e Determinação Econômica* do jovem filósofo, se encontra com as preocupações do cientista político maduro. Na aplicação da concepção totalizante para a ciência política como área de conhecimento, nosso autor vislumbra uma concepção que não pretende abandonar a autonomia disciplinar da área mas, por outro lado, não abre mão de uma perspectiva interdisciplinar que possa considerar o conjunto de elementos que tornem possível o entendimento da dinâmica do fenômeno do poder. A sugestão da busca por mediações, posteriormente identificadas como *linkages* (Brandão, 1998; 2006) não pode prescindir da singularidade dos elementos que constituem a sociedade, derivando, portanto, na urgência de uma postura cognitiva arejada do sujeito do conhecimento.

Finalizando, este acolhimento heterodoxo da proposta lukacsiana manteve a ambição de ser parte constitutiva da construção de um aparato analítico original sobre a periferia, sendo Brandão politicamente vinculado a esta realidade e engajado na compreensão da mesma. A periferia é parte do sistema mundial e é dotada de contradições singulares. Destarte, o conjunto de elementos constitutivos desta realidade deve ser rearticulado intelectual e, para compreender o fenômeno político, ideias, agentes, instituições, princípios normativos formais e/ou informais importam. O projeto d' *As Linhagens* aparece no todo que constitui o *continuum* da obra de Brandão como um *estudo de caso* denso, profícuo e interrompido. O estudo d' *As Linhagens do Pensamento Político Brasileiro*, em nossa ótica, se mostra como a aparição particular da relação entre pensamento, instituições e um Estado-Nacional periférico.

REFERÊNCIAS

AMORIM NETO, Octavio & SANTOS, Fabiano. (2015), “La Ciencia Política en Brasil en La Última Década: la nacionalización y la lenta superación del parroquialismo”, *Revista de Ciência Política*, v. 35, no.1: 19-31.

ARRIGHI, Giovanni. (1997), *A Ilusão do Desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.

BARBOSA, Gláucia Maria Tinoco. (2011), *A Produção dos Lukacsianos Brasileiros: 1960-2000*. Tese de doutorado em Sociologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

BASTOS, Elide Rugai. (2010), “Gildo Marçal Bezerra Brandão (1949-2010): um analista do pensamento brasileiro”, *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v.53, no.1: 5-10.

BOTTOMORE, Tom (Ed.). (2012), *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar.

BOURDIEU, Pierre. (2004), *Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo, Editora UNESP.

BRANDÃO, Gildo Marçal. (2010a), “Ideias e Argumentos para o Estudo da História das Ideias Políticas no Brasil”, in, SCT Coelho (org.), *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*, São Paulo, Hucitec & Fapesp.

- BRANDÃO, Gildo Marçal.(2010b) “Memorial”. *in*, SCT Coelho (org.), *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*, São Paulo, Hucitec & Fapesp.
- BRANDÃO, Gildo Marçal.(2010c), “Duas ou Três Coisas Que Eu Sei Sobre Maquiavel”. *in*, SCT Coelho (org.), *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*, São Paulo, Hucitec & Fapesp.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (2007), “Um programa de pesquisa à esquerda”. *in*, _____. *Linhas de pensamento político brasileiro*. São Paulo, Ed. Hucitec.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (2006), “Teoria Política a partir do Sul da América?”. *in*, AA Borón (org.). *Filosofia Política Contemporânea: controvérsias sobre civilização, império e cidadania*. Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (2002), Hegel: o Estado como realização histórica da liberdade, *in*, F, Weffort (org.). *Os Clássicos da Política Vol. 2*. São Paulo, (10ª Ed).
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (2001), “Ideias e Intelectuais: modos de usar”. *Lua Nova*, no. 54: 25-34.
- BRANDÃO, Gildo Marçal.(1998a), “A Teoria Política é Possível?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, no. 36, s/p.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (1998b), “A vitalidade de Antonio Gramsci”, *Diário do Grande ABC*. (disponível em “Gramsci e o Brasil”: <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=202>, acesso em 07 de abril de 2015)
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (1997a), “A Ilegalidade Mata: o partido comunista e o sistema partidário (1945/64)”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, no. 33.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (1997b), *A Esquerda Positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964*. São Paulo, Editora Hucitec.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (1977), “Totalidade e Determinação Econômica”, *Temas de Ciências Humanas*, no. 1:153-167.
- CÂNDIDO, Antônio. (2000), *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, (6ª Ed.).
- COELHO, Simone de Castro Tavares. (2010), “Os “voleios” da pipa”. *in*, _____. (org.). *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*. São Paulo: Hucitec & Fapesp.
-

DREIFUSS, René Armand. (1981), *1964: a conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes.

ELSTER, Jon. (1994), *Peças e Engrenagens das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

FORJAZ, Maria Cecilia Spina. (1997), “A Emergência da Ciência Política no Brasil: aspectos institucionais”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, no. 35, s/p.

HABERMAS, Jürgen. (1990) *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*. São Paulo, Brasiliense, (2ª Ed.).

HALL, Peter & TAYLOR, Rosemary. (2003), “As Três Versões do Neo-institucionalismo”. *Lua Nova*, no.58: 193-223.

LESSA, Renato. (2011a), “O Campo da Ciência Política no Brasil: uma aproximação construtivista”. *Revista Estudos Hum(e)anos*, no.2: 03-31.

LESSA, Renato. (2011b), “Da Interpretação à Ciência: por uma história filosófica do conhecimento político no Brasil”. *Lua Nova*, no.82: 17-60.

LUKÁCS, Georg. (2003) *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes.

LYNCH, Christian Edward Cyril & CHALOUB, Jorge. (2021), “Um Projeto de Pesquisa ‘à Esquerda’: Gildo Marçal Brandão e a interpretação marxista do pensamento político brasileiro”. *Lua Nova*. no. 113: 281-324.

LYNCH, Christian Edward Cyril. (2016), “Cartografia do Pensamento Político Brasileiro: conceito, história e abordagens”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, no. 19: 75-119.

MARENCO, André. (2014), “The Three Achille’s Heels of Brazilian Political Science”. *Brazilian political science review*, v.8, no.3: 03-38.

NEVES, Marcelo Neves. (1994), “Entre Subintegração e Sobreintegração: a cidadania inexistente”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v. 37, no.2: 253-276.

NIERI, Ederaldo Luiz. (2007), *Duas Formas de Recepção de Lukács no Brasil: estética e ontologia*. Dissertação de mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.

OLIVERIA, Lilian & NICOLAU, Jairo. (2014) “A produção da ciência política brasileira: uma análise dos artigos acadêmicos (1966-2013)”. *Paper* apresentado no IX Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, ABCP. Brasília, 21 pp.

RODRIGUEZ, Octavio. (2009) *O estruturalismo latino-americano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SALLUM JR., Brasília. (2010), “Trajetória Interrompida”. in, SCT Coelho (org.), *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*, São Paulo, Hucitec & Fapesp.

SARTRE, Jean Paul. (1987) *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Nova Cultural.

SCHWARZ, Roberto. (1995) Um seminário de Marx. *Folha de São Paulo, Caderno Mais!, publicado originalmente em 8 out. 1995*. (Disponível em: http://fws.uol.com.br/folio.cgi/fsp1995.nfo/query=schwar!7A/doc/{@1}/hit_headings/words=4/hits_only?. Acesso em 09 jul. 2006).

SOARES, Glaucio Ary Dillon. (2005), “O Calcanhar Metodológico da Ciência Política no Brasil”, *Sociologia, problemas e práticas*, no.48, 2005: 27-52.

LICENÇA DE USO

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CCBY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam devido crédito pela criação original. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>

